

Luciano Oliveira Paulo Filho
Edilberto Cavalcante Reis

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a relação sobre a singularidade em Emmanuel Mounier (1905-1950) e Hannah Arendt (1906-1975). A forma que Mounier vai construir seu pensamento sobre os homens, será embasado numa perspectiva cristã, partindo da concepção bíblica que cada pessoa é criada à imagem de Deus e isso é o primeiro passo para a singularidade humana em Mounier. Já Arendt, vai conduzir sua compreensão do homem sobre duas diretrizes: a noção de ação política, que engloba o conceito de aparência, singularidade, dentre outros e também, no plano do pensamento, que é caracterizada pela vida contemplativa; essas duas categorias oferecem aos homens a possibilidade da singularidade, mas sempre dependerá da iniciativa particular do sujeito buscá-la. Portanto, o entendimento de homem dos demais pensadores, exaltam o ser pessoa, não sobre um aspecto individualista ou egoísta, mas, sobre a dimensão da dignidade de cada homem. A metodologia usada neste trabalho foi uma pesquisa qualitativa bibliográfica, das obras de Mounier e Arendt que correspondem ao tema e alguns comentadores que apoiaram o conteúdo desse texto.

PALAVRAS-CHAVE: Singularidade. Hannah Arendt. Emmanuel Mounier.

SINGULARITY IN EMMANUEL MOUNIER AND HANNAH ARENDT

ABSTRACT

This study aims at presenting the relation concerning singularity in Emmanuel Mounier (1905-1950) and Hannah Arendt (1906-1975). The method Mounier develops his ideas about men is based on a Cristian perspective, from a biblical conception that each individual is created in the image of God, and this is the first step towards the human singularity in Mounier. Arendt, on the other hand, conceives her understanding of men according to two criteria: the notion of political action, which involves the concept of appearance, singularity, among others and also, the mental plane, which is characterized by the contemplative life; both categories offer men the possibility of singularity, but it will always depend on the individual attempt to find it. Therefore, the comprehension of men, by such thinkers, praises the being, not based on an individualist or selfish aspect, but upholds the dimension of human dignity. The methodology used in this study was a qualitative research with a design bibliography of the works by Mounier and Arendt which correspond to the theme and some commentators who support the subject of this text.

KEYWORDS: Singularity. Hannah Arendt. Emmanuel Mounier.

Enviado em: 16/04/2018
Aceito em: 04/06/2018
Publicado em: 21/06/2018

1 INTRODUÇÃO

A questão sobre a singularidade em Mounier e Arendt, surgiu diante dos desastres da primeira metade do século XX. Dentro desse contexto histórico, surgiu uma enorme degradação humana e ambos viram a necessidade de formular suas teorias sobre os homens e tentar resgatar a dignidade do sujeito que foi perdida, perante esses terríveis acontecimentos.

A singularidade em Mounier e Arendt, nascem no próprio homem, ou seja, é característico da pessoa humana, o singular, perante isso, basta os indivíduos assumirem à sua autenticidade diante do diferente. A marca da singularidade é a autonomia, não em um sentido individualista, mas, que busca à veracidade particular que compõem o sujeito-singular.

Mounier vai traçar suas ideias sobre o homem-singular, partindo de uma noção cristã, que cada pessoa é criada à imagem de Deus, essa afirmação, imprime no homem a sua fidedignidade, isto é, a efetividade peculiar que os indivíduos são, não uma réplica do criador, mas a personificação que produz uma importância sagrada na pessoa.

Já Arendt, parte da concepção política da singularidade. A política exerce tanto uma função social como privada na vida humana, ou seja, a social, pois, suas consequências atingem de forma negativa e positivamente a sociedade, e privada, isto que, quem a executa são as pessoas, portanto, a política é um fator marcante no mundo, com o qual levam as pessoas à desempenharem sua singularidade.

Mounier e Arendt são defensores da pessoa, partindo dessa premissa, os autores criticaram as ideologias que vão ao contrário da singularidade humana, dentre elas: o Comunismo, o Capitalismo, o Nazismo, o Fascismo, etc. Ambos reprovam essas concepções, pois, todas reduzem a capacidade dos homens e elas tem por ofício a destruição do homem-singular e como resultado disso, a alienação humana surgem em grande escala.

2 O HOMEM-SINGULAR EM EMMANUEL MOUNIER

“Cada pessoa é criada à imagem de Deus, cada pessoa é chamada para formar um imenso Corpo místico e carnal na Caridade de Cristo”. (MOUNIER, 2004, p. 20). Partindo da verdade bíblica, que cada homem é criação do próprio Deus e por assim, é convidado a participar já na terra das belezas eternas, os indivíduos, não o indivíduo, exercem um papel protagonista no meio em que eles habitam. Cada pessoa sendo uma criação divina, já tem em si um destaque e isso torna-o um ser-singular diante dos demais.

A singularidade humana em Mounier é compreendida a partir da ideia do *personalismo*. Uma primeira noção de personalismo podemos afirmar que, é uma filosofia que unifica o pensamento e a ação, tendo como menção fundamental o homem e sua valorização. Portanto, cada pessoa é formada por esses dois conceitos importantíssimos no humanismo mounieriano.

A filosofia personalista (*Personnalisme*). É baseada no próprio homem, enquanto ser atuante na comunidade. Como afirma Rocha:

Sua compreensão sobre a pessoa é intimamente ligada à noção de comunidade, dada a importância que ele destina ao tema da relação. É uma perspectiva que nasce de um contexto de luta contra o individualismo e de rejeição a uma filosofia de cunho idealista que, segundo Mounier, era alheia a realidade concreta do homem.”. (ROCHA, 2013, p. 37-38).

A comunidade é o espaço que os homens operam a sua *singularidade*, ou seja, efetivam a sua autonomia diante dos outros homens, transformando-se em um agente prático na sociedade. Essa conduta realista do homem, geram uma sociabilidade efetiva, pois é no espaço público em que ele se mostra ao mundo e esse movimento de ação, colocando-o em realidades existentes e é justamente nessa concretude que aparece a dignidade do homem, enquanto um ser de ação. O homem é um ser-no-mundo e com-o-mundo. Não podemos imaginar os homens fora da realidade, pois eles também têm em sua identidade a marca terrestre.

Em contrapartida, é um grande erro em Mounier classificar o homem ao mero realismo, tanto é, que o próprio autor criticou algumas *ideologias* que manipulam os sujeitos, realizando perigosas reduções humanas. Em Mounier há um equilíbrio entre o mundo sensível e os ideais metafísicos. A parte espiritual humana vai ter uma notoriedade significativa, como nos afirma o autor:

A intimidade. O privado. – Na doce intimidade destas experiências, encontramos uma como plenitude, o sentimento de uma intimidade que não é simples. Exprime a alegria de reencontrar as fontes interiores e de aí refrescarmos. Mas esta experiência é muitas amolecida pelo gosto de uma vida vegetativa, fechada e bem rodeada, semelhante à que vive o feto no seio da mãe, ou a criança nos seus braços, magicamente isolada e protegida de qualquer contato.” (MOUNIER, 2004, p. 60).

A intimidade, ou seja, a vida espiritual terá um caráter relevante diante da vida humana, pois é ela quem amplia os horizontes da existência humana, porém, não podendo fechar-se ao espiritual isolando à matéria, assim sendo, seria um espiritualismo e Mounier era um grande rebatedor desse caminho. “Alguns espiritualismos negligenciam completamente o sentido do corpo na humana vida e, para esses, Mounier não cede complacência.” (ROCHA, 2013, p. 50).

O homem-singular (*L'homme singulier*) em Mounier está justamente no fato da pessoa ser única, tendo como características: sua autenticidade, sua capacidade de pensar em particular, emitir juízos. É justamente essas individualidades da pessoa (*Personne*), que formam a diversidade dentro da sociedade. Em Mounier, é importante destacar à autonomia do homem, mas também, em sua teoria é visível o prestígio que ele dá ao outro, pois será esse que atestam minha existência, enquanto ser humano e além

disso, o outro é um canal de conhecimento, nas suas várias formas configura a humanidade.

3 A SINGULARIDADE EM HANNAH ARENDT

Em Hannah Arendt o tema da singularidade é perceptível em suas obras. A pensadora assim como Mounier, vai apresentar suas ideias sobre os homens, com uma visão que potencializa a pessoa humana. A singularidade brota em Arendt, quando o indivíduo realmente age como tal, ou seja, quando a pessoa de fato exerce, sua condição enquanto ser particular.

Um fator crucial para o florescer do homem-singular, é que exista uma esfera pública para a divergência humana *aparecer*. Na antiguidade, principalmente, nas pólis (πόλις) gregas, o *espaço público* era um local disponível para que, as mais diversas opiniões viessem à tona, como consequência disso, tínhamos uma participação efetiva dos cidadãos nas decisões políticas (*politeia*).

Assim como Mounier, a presença do outro, ou seja, do diferente em Arendt é agudamente ponderoso, como nos afirma a autora: “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDDT, 2010, p. 61).

Um conceito importante para compreender a singularidade humana, é a ideia de pluralidade. “A pluralidade humana é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (ARENDDT, 2010, p. 9-10). Os dois termos, tanta a singularidade quanto a pluralidade, são concepções parecidas, mas, que tem atividades específicas na vida humana.

A singularidade é movimento de independência intelectual diante da diferença, já a pluralidade é irrepetibilidade humana, cada pessoa é um ser único entre vários outros que também o são. Tudo isso, é uma forma de valorização dos sujeitos. Assim como os assuntos, da singularidade e pluralidade, outro tema destaca-se no pensamento de Hannah Arendt, que é a ação, que se relaciona intrinsecamente, com as abordagens anteriores.

A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam no mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição – apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política. ” (ARENDDT, 2010, p. 8-9).

Na citação acima, vemos que a pensadora demonstra um grande destaque a vida política, como a condição humana que lhe é própria, não no sentido que Aristóteles propôs, que o homem é um animal político

(*zoom politikon*), mas, no âmbito de que os homens têm a capacidade de vir-à-ser político, bastam que os façam.

A ação é, portanto, a atividade que mais caracteriza os homens, pois lhe são dados os mecanismos necessários para o tal, bem como, o pensamento, a linguagem e certamente, um corpo para agir. A ação, também, é a condição que os sujeitos exercem para a transformação do mundo. Se por outro lado, os homens não desempenharem suas singularidades diante da sociedade, indubitavelmente, serão alienados pelo sistema.

Formas de evitar a alienação e a massificação humana, primeiro, por meio da ação política e também, pela *a vida do espírito*, que em Hannah Arendt é muito vultoso. Porém, a vida no espírito não podemos confundir com espiritualismo.

A vida no espírito, ao contrário, é pura atividade. E essa atividade, assim como qualquer outra, pode ser iniciada e paralisada à vontade. Além disso, embora seu lugar seja invisível, as paixões têm expressividade própria: coramos de vergonha ou de constrangimento, empalidecemos de medo ou de raiva, nos iluminamos de felicidade ou aparentamos tristeza ou desânimo, e precisamos de um considerável treino de controle para impedir que as paixões se mostrem e apareçam. (ARENDDT, 2000, p. 57).

A vida do espírito é composta por três atividades espirituais medular, ou seja, atividades básicas que fundam o pensamento, que são: o pensar, o julgar e o querer. Quando falamos que determinada pessoa tem pensamentos, em termos arendtianos, dizemos que ela executa as três atividades acima. A consequência da vida do espírito, tal qual à sua aplicação, gera nos sujeitos a capacidade de tomar decisões por conta própria, ou seja, ter autonomia sobre sua vida e se responsabilizar por ela.

Quando articulamos algum pensamento sobre Hannah Arendt, é imprescindível não chegarmos ao assunto da política. A política tem uma importância na singularidade humana, pois como nos afirma Arendt:

A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. A filosofia e a teologia sempre se ocupam do homem, e todas as suas afirmações seriam corretas mesmo se houvesse apenas um homem, ou apenas dois homens, ou apenas homens idênticos. Por isso, não encontraram nenhuma resposta filosoficamente válida para a pergunta: o que é política? Mais, ainda: para todo o pensamento científico existe apenas o homem — na biologia ou na psicologia, na filosofia e na teologia, da mesma forma como para a zoologia só existe o leão. Os leões seriam, no caso, uma questão que só interessaria aos leões. ” (ARENDDT, 2002, p. 7).

A *política* em Arendt é um espaço de diálogos onde a diferença aparece e tem sua importância, pois é justamente, nessa diferença que surgem a singularidade humana. Ora, se para realizar a política para Arendt é necessário um espaço público, cuja as opiniões possam aparecer em meio às demais, logo, a especificidade particular brota naturalmente, pois, para a autora política é sinônimo de liberdade.

A liberdade é o resultado da fluidez política, ou seja, é por intermédio do homem-livre, que seu aparecimento no espaço público é visível e como consequência disso, a sua autonomia emerge fazendo-lhe um ser-singular. “[...]Ser-livre e viver-numa-polis eram, num certo sentido, a mesma e única coisa. A propósito, apenas num certo sentido; posto que para poder viver numa polis, o homem já devia ser livre [...]” (ARENDR. 2002, p. 18). O homem e a cidade, tem uma relação profunda, visto que, é o local onde a liberdade singular do sujeito surge e também, é um lugar para o fortalecimento da vida pública.

4 A RELAÇÃO ENTRE MOUNIER E ARENDT SOBRE A SINGULARIDADE

A singularidade em Mounier e Arendt tem algumas proximidades e vamos fazer essas relações. Começaremos apresentando o que não caracteriza a singularidade para ambos, ou seja, às críticas que eles fazem aos sistemas que negligenciam o sujeito e depois o que eles têm em comum sobre a singularidade.

O capitalismo alvo de inúmeras rejeições pelos autores, vamos expor as principais análises sobre o problema. Para Mounier:

O capitalismo não apenas tem um apreço pelos os valores individualistas, mas deles depende e propaga. Tais valores animam as técnicas capitalistas e, como fruto, temos, de um lado, o desenvolvimento crescente (apesar de não contínuo) do capitalismo e, de outro, o definhamento da pessoa na concepção atomizante do indivíduo. (ROCHA, 2013, p. 143).

A temática exibida na citação, é sobretudo, a questão que o capitalismo reduz a capacidade humana ao mero círculo do capital, isto é, a desqualificação do potencial humano e também à sua inserção ao acumulatismo monetário. As decorrências do capitalismo na vida humana são várias, porém, dentre elas, Mounier destaca o individualismo.

O individualismo gera no homem enormes efeitos contrário à teoria de Mounier, pois, a pessoa individualista é centrada no próprio eu e essa atitude fornece um esquecimento do outro, ocasionando uma ruptura humana. E em Arendt a situação não é diferente. Sobre o capitalismo Hannah Arendt formulou várias críticas, dentre elas: a descaracterização da política, uma confusão entre o social e o privado e sobretudo, uma grande alienação humana. Segundo Hannah:

A tradição de nosso pensamento político teve seu início definido nos ensinamentos

de Platão e Aristóteles. Creio que ela chegou a um fim não menos definido com as teorias de Karl Marx. O início deu-se quando, na alegoria da caverna, em A República, Platão descreveu a esfera dos assuntos humanos, tudo aquilo que pertence ao convívio de homens em um mundo comum, em termos de trevas, confusão e ilusão, que aqueles que aspirassem ao ser verdadeiro deveriam repudiar e abandonar, caso quisessem descobrir o céu límpido das idéias eternas. O fim veio com a declaração de Marx de que a Filosofia e sua verdade estão localizadas, não fora dos assuntos dos homens e de seu mundo comum, mas precisamente neles, podendo ser "realizada" unicamente na esfera do convívio, por ele chamada de "sociedade", através da emergência de homens socializados.” (ARENDR, 1997, p. 42).

Com o surgimento da Modernidade em conjunto com o capitalismo, houve segundo Arendt uma ruptura com a tradição, mais precisamente com às teorias marxistas, que trouxeram uma nova perspectiva de vida para a sociedade. O sistema capitalista em sua fundamentação visa uma certa independência humana, os homens passam a serem “livres” para escolherem, só que na realidade, é totalmente o inverso, pois, cada vez mais o sujeito torna-se um *homem-econômico*, tornando-o escravo do capital.

Outra crítica, que Mounier tanto quando Arendt fazem, é sobre os sistemas opressores, que tentam acabar com a singularidade humana. “[...] a capacidade destrutiva de qualquer sistema – o capitalista, o fascista, o nazista e o comunista, todos negadores da pessoa – é igual só muda os requintes [...]”. (SILVEIRA, 2009, p. 556). Os sistemas apresentados acima, é uma entrada para a morte do homem-singular, pois, em seus “princípios” existe o fato deles massificarem a sociedade, transformando os homens em suas diferenças, em indivíduos alienados e sobretudo, em um mero produto descartável.

Arendt também vai criticar fortemente esses regimes manipuladores, que querem totalizar os homens. Segundo Arendt:

Os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas – e não classes, como faziam os partidos de interesses dos Estados nacionais do continente europeu, nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos, como fazem os partidos dos países anglo-saxões. (ARENDR, 2012, p. 436).

Tem muita semelhança entre Mounier e Arendt, principalmente, em algumas considerações asseverativas sobre o homem. Como por exemplo: a valorização da pessoa humana, o apreço à política, a autonomia do sujeito, no sentido da singularidade, o

equilíbrio entre o mundo material e o intelectual, dentre outros.

Segundo Arendt:

O campo que em a liberdade sempre foi conhecida, não como um problema, é claro, mas como um fato da vida cotidiana, é o âmbito da política. E mesmo hoje em dia, quer o saibamos ou não, devemos ter sempre em mente, ao falarmos do problema da liberdade, o problema da política e o fato de que o homem ser dotado com o dom da ação; pois ação e política, entre todas as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência liberdade. (ARENDDT, 1997, p. 191).

A singularidade para ambos, geram nos homens liberdade, e essa só é concebida verdadeiramente, quando os sujeitos exercem na prática o ser pessoa, fazendo-lhes assim, seres singulares. Um ponto de relação entre Mounier e Arendt, é o aspecto da esperança no homem, pois, mesmos com todas as dificuldades que a realidade nos apresenta, principalmente, política, econômica e ética, a expectativa pelo o novo é que brotam no pensamento dos autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos nesse texto refletir sobre a singularidade em Emmanuel Mounier e Hannah Arendt, saliento a grande relevância que ambos os pensadores dão a singularidade humana, pois ela dignifica os indivíduos. A noção do homem-singular, pôde ser compreendida a partir do desenvolvimento do texto, como uma antropologia que busca a valorização da vida humana.

Não podemos falar sobre a singularidade isolada do homem, pois, ela só existe por causa dos indivíduos, portanto, essa relação pessoa/singular é importante porque, dá ao homem um suporte pela busca de autonomia. Mounier e Arendt, são autores que caracterizam bem o resgate do EU, que foi perdido diante das catástrofes da primeira metade do século XX. Além do mais, algumas ideologias que contribuíram diretamente para o ocorrido, foram alvo de inúmeras críticas dos autores, destaca-se: o comunismo, capitalismo, nazismo, fascismo.

A atualidade do pensamento dos autores é relevante [MR1] para a vivência humana, pois, vão ao encontro de situações que envolve a existência humana e não só expõe as adversidades existentes, mas, tentam “resolver” os mesmos, partindo da valorização da pessoa.

O homem como um ser-singular, é um ser de ação, isto é, a autenticidade do sujeito é comprovada na cotidianidade, ou seja, no mundo vivo. A função do ato de agir, elevam o ser-pessoa, pois, lhe coloca em atividade eficaz na comunidade e lhe faz diferente diante dos outros.

A singularidade é ação, mas, também é intelectual. A competência racional do indivíduo é uma

das principais marcas do homem-singular, dessa maneira, a singularidade pode ser exercida tanto no âmbito material e também intelectual. Mounier e Arendt equilibram essas duas categorias em suas teorias.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Trad. Antônio Abranches, César Augusto R. de Lima, Helena Martins. ed. 4. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **O que é Política?**. Trad. Reinaldo Guarany. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CORREIA, A. **Hannah Arendt e a modernidade – Política, Economia e a Disputa por uma fronteira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Digitalizado por TupyKurumin.
- MOUNIER, E. **O personalismo**. Trad. Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.
- ROCHA, A. G. V. **Emmanuel Mounier: Antropologia e Filosofia Política a Serviço da Dignidade Humana**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- SILVEIRA, C. R. da. **O humanismo personalista de Emmanuel Mounier e a repercussão no Brasil**. 2010. 243 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- TORRES, P. O sentido da política em Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 235-246, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Luciano Oliveira Paulo Filho

Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATÓLICA.

E-mail: luciano1996paulo@gmail.com

Edilberto Cavalcante Reis

Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Universidade Estadual do Ceará

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1994), graduação em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2014), graduação em Filosofia pelo Instituto Teológico Pastoral do Ceará (1990).

E-mail: edilbertoreis@unicatolicaquixada.edu.br